

Quem detém o poder na Casa Branca de Joe Biden?

Via [The Call](#)

O crédito deve ser dado onde o crédito é necessário. Bernie está certo ao chamar o pacote de estímulo de Biden de “a legislação mais significativa para beneficiar as famílias trabalhadoras na história moderna deste país” (por mais baixa que essa expectativa seja). Através de pagamentos diretos, o Plano Americano de Resgate aumentou a renda da maioria dos americanos das classes trabalhadoras e média. Ele criou um crédito fiscal temporário para crianças. Prolongou os generosos benefícios de desemprego até setembro. E salvou os governos estaduais e locais para evitar um retorno à austeridade.

O pacote de estímulo é um esforço significativo e ambicioso para ressuscitar uma economia fraca, e os trabalhadores ficariam muito pior sem ele. E embora seja um pouco menor do que o Ato CARES assinado pelo Presidente Trump na primavera de 2020, o Plano Americano de Resgate concentra quase todo seu apoio nas pessoas comuns em vez de socorrer as corporações.

A mudança faz com que alguns liberais se perguntem se eles finalmente têm um verdadeiro amigo na Casa Branca. Anand Giridharadas especula que a presidência de Biden pode ser “transformacional”. O Daily Beast alerta os progressistas: “Conheça seu novo herói: Joe Biden”.

É verdade que a política econômica de Biden até agora marca uma mudança do regime de austeridade de Barack Obama e da orgia de redução de impostos de Donald Trump. Mas a questão para a esquerda não é onde está o coração de Biden. É a seguinte: quem detém o poder? A resposta a essa pergunta determinará as oportunidades e os limites para a reforma nos

próximos quatro anos.

Em uma inspeção mais detalhada, há motivos para duvidar dos aplausos triunfantes da ala progressista do Partido Democrata. Biden pode ter quebrado com a lógica da austeridade. Mas isso não é um teste para saber se o mundo corporativo ainda detém o poder em D.C. e dentro do próprio Partido Democrata – e se eles estão prontos e capazes de fechar mais reformas. Na verdade, uma leitura atenta dos acontecimentos do último ano mostra que a mudança antiausteridade de Biden tem o apoio entusiástico da classe bilionária.

É sobre a questão de saber se Biden pode aumentar significativamente os impostos sobre as empresas e os ricos, e provocar uma mudança fundamental na lei trabalhista, que veremos realmente se o estrangulamento corporativo na política norte-americana foi fundamentalmente alterado.

Até agora, não há nenhuma indicação de que tenha sido. As empresas adoraram o estímulo de Biden (ele salvou muitos da ruína econômica), mas eles sofreram duras reformas, e Biden parece estar se contrapondo. E, enquanto os políticos estão indecisos sobre mais gastos e redistribuição, o verdadeiro contrapoder para o controle corporativo – o movimento trabalhista, a Esquerda e os movimentos sociais – permanece lamentavelmente desorganizado e mal preparado para as lutas adiante. Em tal momento, os socialistas precisam ter uma visão clara dos desafios, continuar enfatizando nossas diferenças com o Partido Democrata controlado pelas corporações para construir uma alternativa real, e defender uma nova rodada de luta contra o establishment político.

As origens da “Bidenomics”

Para apreciar plenamente de onde vem a mudança antiausteridade de Biden, temos que voltar a 2008.

A Grande Recessão colocou um teste à ordem neoliberal ao qual ela não estava preparada para responder. Como coloca David

Kotz em sua revisão da situação econômica na última década:

“A crise financeira e a Grande Recessão de 2008 marcaram o fim do período em que a forma neoliberal do capitalismo promoveu a expansão econômica normal... Normalmente... as recuperações [das recessões] são relativamente rápidas, dada a presença de ampla mão-de-obra disponível e capacidade produtiva não utilizada, tipicamente com crescimento do PIB de 4% ou mais. Entretanto, a recuperação após 2009 se destaca, com uma taxa de crescimento anual de apenas 2,3%. Apesar da expansão de uma década após a crise financeira, a taxa de crescimento do PIB desde o pico pré-crise em 2007 até o pico em 2019 foi de apenas 1,7%. Tais dados indicam claramente uma condição de estagnação prolongada”.

Para piorar a situação, na década de 2010, uma expansão econômica lenta foi associada a um crescimento anêmico na produtividade da mão-de-obra. Entre 2007 e 2019, a produtividade dos trabalhadores cresceu apenas 0,8% ao ano, em comparação com 2,1% entre 1979 e 2007.

No início, apesar desta estagnação, nada mudou muito no mundo da política geral. Depois de aprovar um pacote de ajuda que a maioria dos economistas agora admite ser muito pequeno, Barack Obama e os democratas deram as mãos ao Governo para cortar as despesas federais e decretar uma nova rodada de austeridade.

Mas algo começou a mudar com o passar da década. Após 30 anos cantando o hinário de Reagan, os economistas democratas estavam entre os primeiros no establishment político a começar a questionar a lógica da austeridade.

Um dos primeiros a duvidar foi Larry Summers. Summers tem sido um mediador entre o Partido Democrático e o mundo dos negócios desde os anos Clinton. Foi parcialmente sob sua tutela que toda uma geração de economistas democratas foi criada nos moldes de Reagan.

Em 2013, Summers havia mudado sua linha. Alarmado pelas baixas taxas de crescimento em todo o mundo, Summers advertiu que a economia global estava caindo em um período de “estagnação secular”. Em 2019, ele e seu discípulo Jason Furman estavam explicitamente estabelecendo conexões entre as crises social, ecológica e econômica e exortando os políticos a abandonar qualquer compromisso com a austeridade. “Muito mais urgentes [do que a dívida federal] são os problemas do lãnguado índice de participação da força de trabalho, crescimento econômico lento, pobreza persistente, falta de acesso ao seguro saúde e mudança climática global. Os políticos não devem deixar que grandes déficits os impeçam de enfrentar estes desafios fundamentais”.

Summers e Furman sozinhos não poderiam mudar a estratégia do Partido Democrata. Ao longo da década de 2010, o partido como um todo não mostrou sinais de fazer uma mudança clara na política. Mas as tensões na ordem neoliberal estavam prestes a ser exacerbadas pelos eventos, e forças muito mais poderosas questionariam certas suposições neoliberais.

O mercado muda seu tom

A crise da COVID-19 e o espectro do colapso econômico foram apenas o tipo de catalisador necessário para mudar o senso comum político no mundo dos negócios.

Apesar de uma fraca campanha primária desprovida de qualquer agenda clara, pela eleição geral Joe Biden prometia um estímulo significativo para enfrentar a pandemia e a crise econômica. Mas ao invés de repelir o mundo corporativo, como poderia ter feito em anos passados, a promessa da “Bidenomics” atuou como um ímã para os CEOs e líderes corporativos – e seu apoio fortaleceu a posição de Biden.

Uma pesquisa de Yale com diretores das maiores empresas americanas constatou que 77% planejavam votar em Joe Biden nas eleições presidenciais de 2020. Os CEOs também uniram seu

apoio ao Partido Democrata com suas carteiras. Os dados sugerem que os CEOs das maiores empresas que doaram a Biden superaram em número aqueles que doaram a Trump em 2 a 1. Os grandes doadores como um todo foram responsáveis por 61% do orçamento de guerra de Biden.

A lista de doadores de Biden para 2020 lê-se como quem é quem da classe dominante da América. Há gerentes e executivos de Blackstone, Bain Capital, Kleiner Perkins, Warburg Pincus e outras grandes empresas de Wall Street, assim como produtores de Hollywood, CEOs da Netflix e empreendedores de tecnologia. Os principais doadores foram feitos “Biden Victory Partners”, e os segundos colocados foram “Protectors”, “Unifiers”, “Philly Founders”, e membros do “Scranton Circle” e da “Delaware League”. As doações permitiram que Biden abrisse uma enorme vantagem sobre Trump na arrecadação de fundos no último trecho da campanha.

Podemos ter uma ideia do que motivou a maioria dos líderes de quase todos os setores das grandes empresas a se consolidar atrás de Biden graças aos esboços de um dos maiores titãs de Wall Street.

Jamie Dimon é o bilionário CEO do JPMorgan Chase. A era neoliberal tem sido muito boa para Jamie. Mas a última década pesou sobre ele, e Dimon agora questiona algumas partes do senso comum neoliberal que o tornaram rico. Na verdade, ele soa muito como se tivesse meditado sobre os avisos de Summers e Furman e outros economistas democratas e saído da experiência com uma visão do mundo ligeiramente alterada.

Em seu relatório sobre acionistas de 2020, Dimon culpa a estagnação a longo prazo e as decisões políticas pelas baixas taxas de crescimento. “Toda esta política fracassada pode explicar porque, nos últimos 10 anos, a economia dos Estados Unidos cresceu cumulativamente apenas cerca de 18%. Alguns pensam que isto parece satisfatório, mas deve ser colocado em contexto: Em períodos anteriores de forte retração (1974, 1982

e 1990), o crescimento econômico foi de 40% durante os 10 anos seguintes”.

Mas Dimon não pára por aí. Ele argumenta que a estagnação secular e a desigualdade também estão na raiz da crise política do país:

“Os americanos sabem que algo saiu terrivelmente errado e culpam a liderança deste país: a elite, os poderosos, os tomadores de decisões – no governo, nos negócios e na sociedade civil. Isto é completamente apropriado, pois quem mais deveria assumir a culpa? E as pessoas têm razão em estar zangadas e se sentir decepcionadas... Nossos fracassos alimentam o populismo tanto da esquerda como da direita política... Muitos de nossos cidadãos estão inseguros, e a linha de falha de toda essa discórdia é um sonho americano desgastante – a enorme riqueza de nosso país está se acumulando para muito poucos. Em outras palavras, a linha de falha é a desigualdade”.

O desafio agora, argumenta Dimon, é cortar o populismo à esquerda e à direita antes que isso piore a situação. (Quem sabe exatamente ao que Dimon está se referindo aqui, mas parece razoável supor que ele tinha Trump e Bernie em mente). “[P]opulismo não é política, e não podemos deixar que ele impulsione outra rodada de mau planejamento e má liderança que simplesmente tornará pior a situação de nosso país”.

Dimon sonha com um novo “Plano Marshall” para os Estados Unidos. Entre outras coisas, ele faria o governo aumentar o salário mínimo para aumentar a participação da força de trabalho. Ele tornaria a rede de segurança menos complicada e mais fácil de acessar, e introduziria programas de cuidado infantil para ajudar os pais em dificuldades. Ele eliminaria as cobranças surpresa na área de saúde e introduziria uma opção de seguro nacional catastrófica (embora os detalhes do que isso pareceria não sejam claros). Ele gastaria centenas de

bilhões de dólares por ano em infra-estrutura. E ele promulgaria uma reforma imigratória abrangente.

Bidenomics de apoio às empresas

Se o sonho de Dimon e a consolidação do apoio das grandes empresas por trás de Biden sugerem que as empresas estavam prontas para abandonar a austeridade em 2020, suas ações em 2021 não deixam dúvidas. E é a esta mudança no mundo corporativo que devemos creditar a própria volta progressiva de Biden.

Assim que Biden foi eleito, o mundo empresarial rapidamente fechou as fileiras em torno da demanda por um novo e massivo pacote de estímulos.

Michelle Gass, CEO da Kohl's, colocou o assunto sem rodeios ao explicar seu apoio (e o apoio de outros grandes varejistas) a um novo pacote de estímulos voltado para pessoas comuns: "Qualquer coisa que coloque dinheiro nos bolsos de nossos consumidores é uma coisa boa".

Um mau relatório mensal de empregos em fevereiro foi interpretado como um bom sinal por um grande gerente de investimentos devido ao efeito que poderia ter sobre o aumento do tamanho do estímulo. "É um desses casos de 'más notícias são boas notícias', pelo menos no que diz respeito aos mercados, pois aumenta a chance de um grande pacote".

Mesmo os proprietários de pequenas empresas, que apoiaram relativamente mais Trump do que seus grandes parceiros comerciais em 2020, apoiaram entusiasticamente um novo estímulo importante. Uma pesquisa da CNBC mostrou que 61% dos proprietários de pequenas empresas apoiavam o pacote.

Um economista da Deloitte afirmou com confiança: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para os bancos". O projeto de lei de auxílio impedirá que as pessoas não cumpram com as hipotecas, o dinheiro para [o Programa de Proteção do Cheque

de Pagamento] impedirá que as empresas que possam ter empréstimos pendentes falhem, e assim por diante”. O documento comercial American Banker concluiu: “Nesta crise, a Casa Branca e os bancos estão na mesma equipe”.

Tão grande era a esperança do mundo corporativo de um estímulo maciço que até mesmo os menores rumores sobre seu destino poderiam enviar o mercado para uma pirueta ou um boom. No final de janeiro, quando o mercado temia que Biden pudesse ceder às objeções republicanas ao grande preço do estímulo, as ações caíram e Wall Street teve seu pior dia em meses.

No início de fevereiro, Biden convocou uma reunião de líderes corporativos para defender o pacote de estímulo. Jamie Dimon, Doug McMillon do Walmart, Tom Donohue da Câmara de Comércio e Marvin Ellison do Lowe’s estavam entre os CEOs cortejados. Os negócios se regozijaram em sua nova proximidade com a Casa Branca (Josh Bolten, CEO da Mesa Redonda de Negócios falou sobre a administração): “A comunicação com a comunidade empresarial é boa e o tom é bom”. Mike Sommers, do Instituto Americano de Petróleo, observou: “Meus CEOs foram agradavelmente surpreendidos com o nível de engajamento que a indústria recebeu até agora”).

Biden não precisou esperar muito para que este ritual de cortejo das grandes empresas compensasse na forma de uma bênção corporativa para o estímulo. No final de fevereiro, 170 líderes empresariais em Nova York – incluindo David Solomon da Goldman Sachs, Stephen Schwarzman da Blackstone, Larry Fink da BlackRock e Ken Jacobs da Lazard – assinaram uma carta aos líderes do Congresso endossando entusiasticamente o plano de ajuda.

Logo após a lei de US\$ 1,9 trilhão ter sido finalmente assinada, uma pesquisa trimestral da Mesa Redonda de Negócios mostrou um forte salto na confiança dos CEOs na economia e nos planos de contratar e investir. O CEO da Mesa Redonda de Negócios a chamou de “entre as recuperações mais rápidas e

nítidas em otimismo na história de nossa pesquisa”. Uma pesquisa semelhante da Associação Nacional de Fabricantes mostrou o otimismo dos membros saltando para uma alta de 88%. Uma pesquisa de Yale com 80 CEOs em meados de março mostrou 71% de apoio ao estímulo – mais ou menos o mesmo que os 70% do público que o apoiou. A pesquisa também encontrou varejistas e executivos da indústria de lazer animados com a possibilidade de pagamentos diretos se traduzindo em lucros crescentes.

As análises de importantes líderes empresariais foram igualmente entusiásticas. Eric Schmidt, CEO do Google, observou: “Até agora [Biden] parece entender para onde o dinheiro precisa ir. O empresário típico dirá que as coisas estão boas no momento”. James Taiclet, CEO da Lockheed Martin, gabou-se: “A administração Biden reconhece claramente que estamos todos na era desta grande concorrência de poder ressurgente. Vejo fortes oportunidades de cooperação de defesa internacional sob esta administração, e isso beneficiaria a Lockheed Martin, espero”.

No final de março, a grande aposta dos grandes empresários em Biden parecia estar dando frutos.

As lutas que estão por vir

A questão agora é o que vem a seguir.

Desde a promulgação do Plano Americano de Resgate, Biden e os democratas anunciaram novos objetivos de aumentar os gastos com infra-estrutura e expandir a rede de segurança social.

O pacote de infraestrutura (o “Plano Americano de Emprego”) inicialmente incluía US\$ 2 trilhões em gastos nos próximos anos, a serem pagos através do aumento dos impostos corporativos. Ele colocará mais dinheiro em infra-estrutura de transporte e veículos elétricos, várias iniciativas ecológicas, subsídios para fabricação e P&D, assistência a idosos e deficientes, e banda larga e treinamento de emprego. A expansão da rede de segurança social (o “Plano Famílias

Americanas”) inclui US\$ 1,8 trilhão em gastos com educação, cuidado de crianças e licenças familiares pagas.

Mais uma vez, as propostas de gastos espelham ideias populares no mundo corporativo. Depois que o Plano Americano de Resgate foi aprovado, a Mesa Redonda de Negócios iniciou um empurrão entusiástico para gastos com infraestrutura de transporte, expansão da banda larga e várias iniciativas verdes. As propostas de cuidado infantil do Plano Famílias Americanas espelham a visão de Dimon para um novo Plano Marshall para o país.

Mas, ao contrário da conta de alívio que foi paga com o empréstimo de dinheiro, estas novas iniciativas inicialmente deveriam ser pagas com impostos mais altos. E as propostas de aumentar a taxa de impostos corporativos de 21% para 28% e de aumentar vários impostos sobre os ricos têm sido objeto particular de ira por parte da classe dominante.

Logo de saída, a Câmara de Comércio denunciou os aumentos propostos de impostos corporativos como “perigosamente mal orientados” – mesmo que o plano nem mesmo restabeleceria as taxas para o nível pré-Trump de 35%. O CEO da Raytheon advertiu sobre um corte de 20% nos investimentos da empresa se o aumento fosse aprovado. Após saber dos planos da administração de dobrar a taxa de impostos sobre os mais ricos, vários investidores descreveram o plano como “insanidade”, uma ameaça ao “ganso dourado que é a América” e uma “bofetada na cara dos empresários”.

A administração começou imediatamente a ceder. Logo após o anúncio dos planos, os funcionários da Biden responderam ao empurrão corporativo insistindo que estavam abertos a recuar em suas ambições. Pete Buttigieg, Secretário de Transportes de Biden, assegurou à ABC: “Acho que vamos encontrar um espaço muito bom e forte para negociarmos isso”. Sabemos que isto está entrando em um processo legislativo onde vamos ouvir de ambos os lados do corredor, e acho que vocês vão achar que o

presidente tem uma mente muito aberta". Brian Deese do Conselho Econômico Nacional de Biden disse à Fox News Sunday: "Se as pessoas acham isso muito agressivo, então gostaríamos de ouvir quais são seus planos". É algo sobre o qual queremos ter uma conversa". (Por pessoas Deese presumivelmente quis dizer líderes do mundo corporativo). Falando a mais de 50 CEOs do Google, AT&T, Dell, Ford, Intel e outras empresas, o Secretário de Comércio de Biden disse sobre as negociações com o mundo corporativo: "Fui encorajado. Ninguém gosta de falar sobre os pagamentos, mas há espaço para concessões".

Parece agora que Biden e sua equipe estão perto de alcançar esse "espaço de negociação". A Casa Branca parece ter diminuído a pressão para um aumento dos impostos corporativos no último projeto de lei, e reduziu o tamanho do pacote para US\$ 1 trilhão.

E se o resto do histórico da administração até agora é qualquer indicação do que está por vir, as chances de que a equipe de Biden venha a travar uma grande briga com seus apoiadores corporativos parecem ser escassas. Quando o parlamentar do Senado levantou objeções técnicas à inclusão de um plano para elevar o salário mínimo para 15 dólares no pacote de estímulo, a administração pareceu mais aliviada do que qualquer outra coisa. A Casa Branca também não se comprometeu em resposta às exigências trabalhistas para usar truques parlamentares para aprovar o Ato PRO (um grande conjunto de reformas das leis trabalhistas). Em qualquer questão de realmente transferir algum poder para as pessoas da classe trabalhadora, o compromisso da administração com as reformas parece de repente evaporar.

Podemos recuar?

Não deve haver dúvidas de que na luta para definir o que é a administração Biden, o mundo corporativo está ativo em todas as frentes. Como no passado, os líderes corporativos estão exercendo enorme influência para definir os limites do que é

possível. E, pelo menos por enquanto, eles detêm o poder. Pode haver algum espaço para mais gastos e menos austeridade graças à mudança de interesses comerciais e ao medo de um retorno à estagnação secular. Mas, se o mercado conseguir o que quer, não será tolerado nenhum movimento importante que invada significativamente seu próprio poder – seja na forma de aumentos de impostos corporativos ou de um movimento trabalhista reforçado.

Não que o mercado consigam sempre seus objetivos. Embora a política americana sempre tenha sido definida, antes de tudo, pelas regras estabelecidas pelas empresas dominantes em uma determinada época, alguns períodos têm visto concessões maiores para a classe trabalhadora do que outros.

São necessários movimentos sociais poderosos e projetos de esquerda – juntamente com administrações que estejam pelo menos dispostas a se comprometer, seja qual for o motivo – para este tipo de reformas. Se há esperança de que a administração de Biden ainda possa ser um meio de conquistar algumas grandes mudanças que poderiam fortalecer a classe trabalhadora, é possível encontrá-la aqui.

E, de certa forma, a comparação frequentemente feita entre Biden e Franklin Delano Roosevelt (FDR) é útil para entender o que será necessário para realmente desafiar o poder corporativo e vencer.

Como Biden, FDR iniciou sua administração rompendo com alguns elementos da ortodoxia econômica. Mas no geral, os primeiros anos da FDR (1933-1934) preocuparam-se em restaurar os lucros das grandes corporações. Por sua vez, FDR desfrutou do apoio dos negócios desde o início.

Foi somente em 1935 que a administração de FDR começou a realmente promover reformas mais ambiciosas. A reforma da legislação trabalhista, as normas trabalhistas nacionais e a Previdência Social foram colocadas na agenda – contra a

vontade de muitos dos antigos amigos de FDR nos negócios.

Mas não foi por bondade do coração dos democratas que esta mudança foi engendrada. FDR, afinal de contas, inicialmente se opôs a uma reforma significativa da legislação trabalhista. Foi apenas, como descreve Michael Goldfield, sob a pressão de grande agitação social, que a administração mudou de tom.

Em 1933, mais de 1 milhão de trabalhadores entraram em greve, um aumento de três vezes em relação a 1932. E isso foi seguido por quase 1,5 milhões de trabalhadores em 1934. Greves importantes quase simultâneas em Toledo, Minneapolis e São Francisco nesse mesmo ano revelaram uma militância crescente na classe trabalhadora americana.

Os movimentos de desempregados abalaram muitos dos centros urbanos do país, e os partidos comunista e socialista desempenharam papéis de liderança nestas ações. Um funeral para quatro ativistas comunistas assassinados em Detroit, em 1932, atraiu entre 20 e 40.000 participantes. O caso Scottsboro ameaçou precipitar um movimento de massa entre os trabalhadores negros.

Com o aquecimento das lutas trabalhistas, o movimento de trabalhadores aplicou pressão direta para ganhar a reforma da lei trabalhista. A AFL realizou comícios de massa para dar apoio. Um comício no Madison Square Garden atraiu 25.000 pessoas da classe trabalhadora – e o mesmo número de pessoas se reuniu no exterior. No dia seguinte, um quarto de milhão de trabalhadores do vestuário fizeram uma greve de um dia para apoiar a reforma.

Os defensores da lei trabalhista aproveitaram os protestos para fortalecer sua posição no Congresso. O senador Robert LaFollette Jr. advertiu que, na ausência da reforma, o movimento era uma “crise industrial iminente”, uma crise que “provocaria uma guerra industrial aberta nos Estados Unidos”.

Mas hoje, pelo menos por enquanto, não existe tal energia na

base.

A rebelião do Vidas Negras Importam no verão de 2020 foi o mais próximo que chegamos de algo semelhante, mas os protestos em massa diminuíram.

Os ativistas do clima lamentam a falta de militância no movimento climático para empurrar Biden ainda mais.

O movimento trabalhista está fazendo alguns progressos nos setores sem fins lucrativos, na mídia e no ensino superior, mas a taxa geral de sindicalização continua definhando. As greves aumentaram nos últimos anos – mas, além das greves dos professores, isto não foi suficiente para se registrar como um grande evento nacional.

A campanha PRO Act que está sendo conduzida pelo DSA e a luta pelo Medicare for All são lutas louváveis e merecem apoio. Os defensores do PRO Act mudaram com sucesso as posições de dois senadores dos EUA. A entrada de legisladores socialistas no governo também fortalece nossa luta.

Mas se a história é um guia, reformas vencedoras na escala necessária também exigirão uma agitação social generalizada. E não estamos nem perto, por exemplo, de ser capazes de precipitar uma greve de um dia por centenas de milhares de trabalhadores em uma grande cidade americana.

A estrada adiante

O nível reduzido da militância vinda de baixo é em parte o resultado de décadas de perseguição e desunião anti-esquerda que cortaram o vínculo entre a política socialista e a classe trabalhadora. Essa ligação foi a chave para tornar possíveis as rebeliões da década de 1930. A sua reconstrução levará anos de trabalho árduo. Iniciativas como a estratégia rank-and-file e as eleições para luta de classes que colocam os ativistas socialistas de volta à classe trabalhadora são os primeiros passos essenciais.

Enquanto isso, a administração de Biden marca uma mudança da austeridade, pelo menos enquanto essa mudança for lucrativa para as grandes empresas. Mas isto não se deve ao fato de Biden e o Partido Democrata terem sido convencidos da necessidade de dar poder aos trabalhadores e desafiar o poder corporativo. Todas as indicações que temos sugerem que a reviravolta parcial na política é um resultado da mudança de interesses e estratégias corporativas, uma resposta ao baixo crescimento e um medo geral de populismo.

Não acredite em minha palavra. Muitos se lembram da promessa de Biden aos doadores no verão de 2019 de que “nada fundamental mudaria” se ele ganhasse, mas poucos conhecem o contexto completo. Isto é Biden sobre o que sua administração faria:

“A verdade da questão é que todos vocês, todos vocês sabem, todos sabem no seu instinto o que tem que ser feito. Podemos discordar nas margens, mas a verdade da questão é que está tudo dentro de nossa casa e ninguém tem que ser punido. O padrão de vida de ninguém vai mudar, nada mudaria fundamentalmente. Porque quando temos uma desigualdade de renda tão grande como a que temos hoje nos Estados Unidos, ela gera e fermenta discórdia política e revolução de base. Não é uma brincadeira... Permite aos demagogos intervir e dizer que a razão de estarmos onde estamos é por causa do outro. Você não é o outro. Eu preciso muito de você. Espero que se eu ganhar esta nomeação, não o decepcionarei”.

Ao apoiar Biden em 2020, a coalizão empresarial neoliberal que tem governado este país desde os anos 80 mostrou que repensou partes de seu dogma, e soltou a trela sobre os formuladores de políticas (embora seja muito cedo para declarar o fim do neoliberalismo). Mas a verdadeira luta por grandes reformas sociais – muito menos que o socialismo – ainda não começou.

Estamos entrando nessa luta com uma poderosa classe bilionária pressionando a administração em todas as frentes, por um lado,

e por outro, uma classe trabalhadora e de esquerda que ainda não são capazes de agir como um contrapeso sério. Os progressistas, portanto, que aguardam ansiosamente os próximos grandes movimentos da Casa Branca, provavelmente ficarão desapontados. Como tem sido no passado, as esperanças de grandes mudanças aumentarão ou diminuirão com a capacidade da classe trabalhadora de vencê-las a partir de baixo.